

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS PORTADORES DE HANSENÍASE ENTRE 2016 E 2020.

C. R. Santos¹; C. A. Nascimento²; K. F. de Farias³; M. A. B. da Silva Júnior⁴; S. de L. Feitosa⁵ & T. F. dos Santos⁶.

Resumo:

Objetivo: investigar o perfil de portadores da hanseníase no período de 2016 a 2020. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa. As buscas foram realizadas nas bases eletrônicas *Science Direct*, *Scopus*, *Pubmed*, *Web Of Science* e *Lilacs*. Utilizou-se descritores pré-definidos visando sistematizar a pesquisa e foram levantados critério de elegibilidade. **Resultado:** foram encontrados 152 artigos e desses 6 artigos foram inseridos na revisão atendendo aos critérios de elegibilidade, possibilitando identificar: o gênero de maior prevalência de casos (masculino), os tipos de hanseníases mais recorrentes (multibacilar e paucibacilar), e o local de residência (rural) de maior número de casos. **Conclusão:** conhecer o perfil epidemiológico da população de maior incidência de hanseníase é importante para ações de planejamento para a prevenção, detecção precoce da doença e monitoramento dos casos, possibilitando a redução de novos casos e melhorar a segurança e a qualidade de vida da população.

Palavras-chave: Hansen's Disease. Mycobacterium Leprae. Health Profile.

Introdução:

A hanseníase (HAN) é uma das doenças que possui registros mais antigos na história humana, com datações do início do século I. Por muito tempo, acreditou-se que a hanseníase fosse um castigo divino concedido aos pecadores, ou algo hereditário. Tal informação originou o uso do termo pejorativo “leproso” - forma utilizada para se referir aos portadores desta enfermidade. A HAN é uma doença granulomatosa crônica que provoca lesões cutâneas e danos nos nervos periféricos. É causada pelo Mycobacterium Leprae, um bacilo gram-positivo descrito em 1874 por Gerhard Armauer Hansen. Devido a esta descoberta, o agente etiológico da hanseníase também pode ser chamado de bacilo de Hansen (SECCO, 2017; SILVA, 2018; FISCHER, 2017).

Existe uma concentração demasiada de casos de hanseníase em poucos países, inclusive no Brasil, que em 2017 contava com 22.940 casos registrados em seu território, e uma taxa de prevalência de 1,61 casos para cada 10.000 habitantes. Visando a redução destes indicadores, a Organização Mundial da Saúde (OMS) consolidou a poliquimioterapia como esquema terapêutico.

Conhecer o perfil da população que é acometida por essa doença pode instrumentalizar os serviços de saúde para um adequado planejamento de saúde e definições de ações direcionadas para a minimização da transmissão desta doença. Dessa forma objetivo foi investigar as características dos portadores de hanseníase, e para isso, foi formulada a seguinte pergunta de pesquisa: Qual o perfil epidemiológico de pessoas infectadas por hanseníase descrito na literatura entre os anos de 2016 e 2020.

Metodologia:

O presente estudo é uma revisão integrativa da literatura realizada em setembro de 2020 usando descritores em Ciência da Saúde (Decs): “Leprosy”, “Hansen's disease”, “Mycobacterium leprae”, “Health Profile”. Foi utilizado o acrônimo PECO, onde P = Indivíduos portadores de hanseníase; E = Indivíduos portadores de hanseníase; C = Sem grupo comparador; O = Análise do perfil epidemiológico de indivíduos portadores de hanseníase.

As bases de dados eletrônicas foram: *Science Direct*, *Scopus*, *Pubmed*, *Web Of Science* e *Lilacs* e a estratégia de busca foi “(Leprosy OR Hansen's disease) AND Mycobacterium leprae AND Health Profile”. Os critérios de inclusão foram: artigos completos; artigos publicados entre 2016 e 2020; artigos que abordem a temática, e critérios de exclusão: trabalhos incompletos; artigos de revisão, duplicatas; artigos que não abordassem a pergunta de pesquisa, estudo realizados em animais.

Nas buscas foi utilizado o filtro “apenas artigos de pesquisa” para excluir capítulos de livros, revisões, editoriais entre outros tipos de publicações que não fossem o nosso objetivo de revisão.

Para auxiliar as buscas foi usado o programa gerenciador de bibliografia para revisões sistemáticas (StArt). Os artigos foram inseridos em uma planilha no Microsoft Excel 2010 e as informações foram organizadas em eixos temáticos: Gênero, Classificação do tipo de Hanseníase, Local de residência e Escolaridade. Os estudos elegíveis foram organizados

¹ Clécia Rodrigues Santos. Email: cleciarodrii23@gmail.com

² Cristiane Araújo Nascimento. Email: crisnasci@arapiraca.ufal.br

³ Karol Fireman de Farias. Email: karolfireman@hotmail.com

⁴ Marcos Antonio Barbosa da Silva Júnior. E-mail: marcosantoniojunior.s15@gmail.com

⁵ Susiane de Lima Feitosa. Email: susiane.feitosa@arapiraca.ufal.br

⁶ Thiago Ferreira dos Santos. E-mail: thiago.santos2@arapiraca.ufal.br

em uma tabela de caracterização. As etapas da pesquisa foram organizadas considerando o fluxo do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses PRISMA (LIBERATI A., et al 2009).

Resultados e Discussão:

A síntese dos resultados obtidos nas etapas de busca dos artigos é apresentada na Figura 1 abaixo:

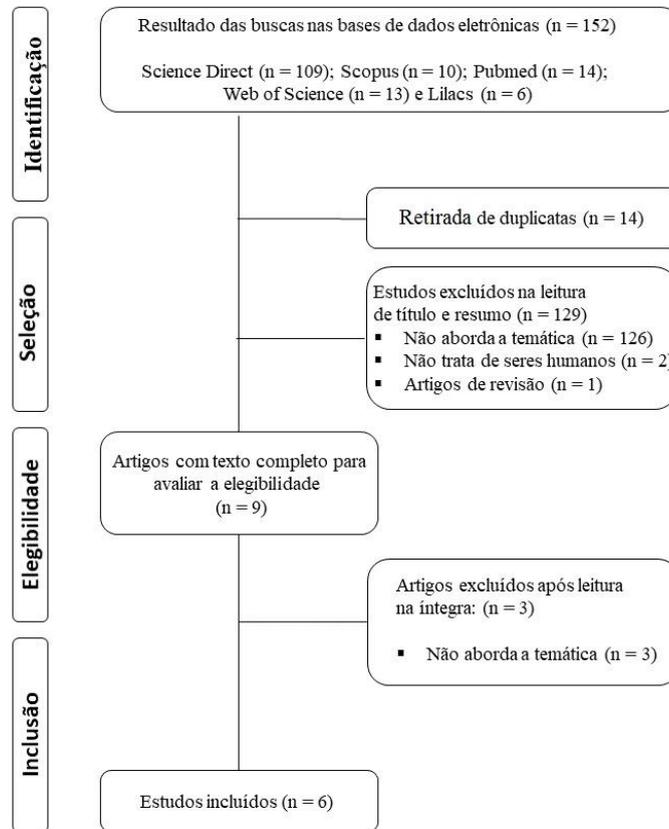


Figura1: descrição dos resultados

De forma a tornar a disponibilização de informação mais organizada, as informações foram dispostas nos eixos temáticos: Gênero, Classificação do tipo de Hanseníase, Local de residência e Escolaridade.

Gênero

De acordo com o agrupamento de dados, foi possível identificar que o gênero masculino representou maior porcentagem de prevalência de hanseníase do que o feminino. Isso pode ser evidenciado através de um estudo Caso-Controlle realizado por Rodrigues et al (2019), onde tanto no grupo de casos (52,5%), quanto no de controle (54,3%) o percentual masculino foi superior ao feminino. Corroborando com esses resultados o estudo de Silva et al (2018), que teve 879 casos de hanseníase incluídos na pesquisa, mostrou um resultado onde 65,9% dos casos eram do sexo masculino. Isso reforça o fato de que os homens são a maioria dos casos registrados, possivelmente por não praticarem o autocuidado e o autoexame de forma tão efetiva quanto as mulheres.

Classificação da hanseníase

No estudo Caso-Controlle descrito anteriormente (RODRIGUES et al, 2019), 40% dos participantes da pesquisa foram classificados como paucibacilar (PB), com pouco ou nenhum bacilo nos exames realizados, e 60% como multibacilar (MB), com muitos bacilos presente nos exames. Na pesquisa de Silva et al (2018), 55,5% dos pacientes envolvidos apresentaram hanseníase MB, sendo os tipos mais recorrentes dimorfos (32,1%) e tuberculóide (24,9%). A incidência do tipo PB reduziu de acordo com o aumento da idade. Outro dado interessante foi a detecção do tipo PB que apresentou cerca de 2,45 vezes mais chances de ser detectados em indivíduos menores de 15 anos do que em indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos. Já em Boigny et al (2019), 39,2% dos casos eram PB, o que sugere que haja uma certa regularidade entre casos PB e MB.

Local de residência

Em moradores da zona rural, a chance de ocorrer a doença foi de aproximadamente 2,6 vezes a mais quando comparado com as que habitavam em zona urbana. As áreas rurais têm mais dificuldade para ter acesso aos serviços de saúde, fato que favorece o processo de diagnóstico tardio, permanência de transmissibilidade e também propicia o agravamento da infecção (RODRIGUES et al. 2019). Todavia, em pesquisa realizada por Alves et al (2017), verificou-se que a maioria dos pacientes eram de áreas urbanas, correspondendo a 84,8% (N= 85) dos usuários. Em relação às condições de moradia, grande parte dos participantes (69,7% [N=65]) informaram residir em casa própria. Assim como ter acesso a saneamento básico e à energia elétrica era realidade para 73,7% (N=74) dos pacientes do ambulatório pesquisado. Por último, quanto ao número de indivíduos que habitavam um mesmo domicílio, identificou-se predomínio entre quatro ou mais pessoas na mesma casa (ALVES et al. 2017).

Escolaridade

Os estudos incluídos nesta pesquisa concordaram que maiores níveis de educação, reduzem os números totais de casos de HAN. Assim, pessoas com baixa escolaridade foram consideradas como grupos de alto risco. No estudo de (ALVES et al. 2017) que levantou dados de 99 prontuários, 54,5% dos pacientes (N=55) possuíam ensino fundamental incompleto, portanto, menos de oito anos de escolaridade colaborando com os achados. Os analfabetos somaram 34,5% do total de casos, o que reafirma que a falta de conhecimento é um notório fator de risco (BOYING, 2019). Além da

morbidade mais elevada, os indivíduos com HAN e menor escolaridade tem maior probabilidade de interromper o tratamento em andamento ou apenas ter dificuldade em compreender prescrições complexas (FREITAS et al, 2017). Santos et al (2018) avaliou a prevalência da hanseníase no Pará e constatou que 50% dos pais dos menores não tinham concluído o ensino fundamental.

Conclusões:

Nesta revisão foi possível identificar através dos estudos acessados, o perfil epidemiológico das pessoas portadoras de hanseníase, no que trata: gênero, escolaridade, local de residência e a classificação do tipo mais prevalente de hanseníase, este conhecimento torna possível estratégias de planejamento para ações de prevenção, busca ativa, apoio e qualidade de vida dos portadores desta doença de maneira mais específica e eficaz. Todavia, novos estudos podem ser realizados de forma mais direcionada para a população dos municípios em específico, visando colaborar com a identificação do perfil dos portadores de hanseníase e identificar suas particularidades, uma vez que a atenção especial para esse público permite fortalecer o mecanismo de detecção precoce da mesma e posterior monitoramento da doença visando a redução do total de casos a curto e médio prazo.

Referências

- Alves, AC, et al. Perfil socioeconômico dos pacientes atendidos pelo Centro de Referência em Reabilitação da Hanseníase da Zona da Mata Mineira. HU Revista, Juiz de Fora, v. 43, n. 2, p. 99-104, abr./jun. 2017.
- BOIGNY, Reagan Nzundu et al . Persistência da hanseníase em redes de convívio domiciliar: sobreposição de casos e vulnerabilidade em regiões endêmicas no Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro , v. 35, n. 2, e00105318, 2019 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2019000205012&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Oct. 2020. Epub Feb 18, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00105318>.
- FISCHER, Marcellus. Leprosy—an overview of clinical features, diagnosis, and treatment. JDDG: Journal der Deutschen Dermatologischen Gesellschaft, v. 15, n. 8, p. 801-827, 2017.
- Liberati A, Altman DG, Tetzlaff J, Mulrow C, Gøtzsche PC, Ioannidis JPA, Clarke M, Devereaux PJ, Kleijnen J, Moher D. The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: explanation and elaboration. PLoS Med 2009; 6(7): 1-28.
- RODRIGUES, T. S. V. et al. Factors associated with leprosy in children contacts of notified adults in an endemic region of Midwest Brazil. Jornal de Pediatria, p. S0021755718310829, jun. 2019.
- Santos, MFD, et al. Epidemiological Profile and Perception about Leprosy in Children Under 15 Years Old in the City of Santarém-PA. J Health Sci 2018;20(1):61-7.
- Santos, SMF et al. Epidemic Profile of Leprosy in the County of Ilhéus-BA, from 2010 to 2014. J Health Sci 2017;19(4):274-7.
- SECCO, Raissa Gonçalves Couto et al. A synopsis of the history of Hansen’s disease. Wiener Medizinische Wochenschrift, v. 167, n. 1, p. 27-30, 2017.
- SILVA, A. R. DA et al. Factors associated with leprosy in a municipality of the Pre-Amazon region, state of Maranhão, Brazil. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, v. 51, n. 6, p. 789–794, dez. 2018.
- StArt: State of the Art by Systematic Review [computer program]. Version 2.3.4.2. São Carlos: Laboratório de Pesquisa em Engenharia de Software da UfScar.